

Para (re)ver Lélia Gonzalez

Por Ana Maria Felipe Garcia – março, 2003

A solicitação da revista Eparrei é tarefa simples e difícil. Para fazer um pequeno depoimento sobre Lélia é necessário afastar-me de um vivido intenso — no tempo e no significado — para focar um resumo. Mas o que deveria eu resumir? Sei que tenho experiências diferentes de tantos outros que encontraram Lélia pela vida... Mas, com certeza, ao mesmo tempo, são experiências tão iguais! Para mim, essas experiências, no vivido imediato, duraram uns 30 anos...

Conheci Lélia quando era “de Almeida”, na 4ª série do antigo ginásio (hoje 8ª série do 1º grau). Era o ano de 1963, quando — ela com 28 anos e eu com uns 16 — tivemos a chance de um esbarrão, como um fóton ou um táquion que passa indefinidamente por dentro de nós. Apesar de menina (em 1963 as moças do subúrbio do Rio de Janeiro eram meninas!), eu “vi” aquele fecho de luz diante da turma, numa aula de história em um colégio estadual de Bonsucesso. Naquela hora Lélia não sabia seu significado para a humanidade, para a ancestralidade. Era simplesmente exigente e séria, fascinante, como permaneceu para sempre! Sabia que a exigência consigo mesma e a seriedade é que a tinham feito conseguir levantar a cabeça e colocar-se de pé. Sabia que seu modo de ver — fruto da formação em filosofia e em história, além da vida de moça negra e pobre — era o modo humano que significava superar o senso comum e as pré-noções trazidas pelas ideologias. Aquela ainda jovem mulher negra, agora já não tão pobre [dava aulas em tudo quanto era lugar...], sabia que a vida tinha um significado e fazia absolutamente de tudo para demonstrar ao outro ser humano que era necessário buscar esse significado.

No meu caso, encontrar significado me levou para o 2º grau no Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: “você é muito inteligente, não pode fazer 2º grau em qualquer escola. Você precisa ir para o Colégio de Aplicação”, que eu nem sabia onde era!

Naquele tempo não havia movimento negro. Havia consciências negras, como mais tarde viemos a conhecer, como Abdias Nascimento — criatura histórica da luta contra a discriminação. Apesar de essas consciências negras não estarem em evidência no universo onde Lélia orbitava, ela ansiava por elas. Isso estava evidente no modo como compreendia que o ser humano não pode ficar parado, acomodado a um *modus vivendi*, sem ver adiante. Isso ficou evidente nos anos 1970 quando, ajudando a fundar as oportunidades coletivas de consciência negra [como o IPCN-RJ, o MNU-BR, o OLODUM-BA], fez a opção definitiva de sua vida.

Estávamos juntas na fundação do IPCN, junto com Januário Garcia, meu marido naquela época. Januário e Lélia viajando a São Paulo, para o MNU e para a Bahia, no Olodum; e depois nas muitas idas à Serra da Barriga-AL. Eu não estava viajando. Trabalhava e cuidava dos quatro filhos que tivemos “em

escadinha”. A única menina, Tainá ficou afilhada de Lélia ainda na barriga, quando ela disse, passando a mão na barriga: “eu sou a madrinha dessa menina”. Nós já tínhamos dois meninos vigorosos e depois de Tainá, tivemos outro belo menino. Hoje, “está tudo adulto”, como costume dizer. E todos sabem bem sobre tia Lélia, com quem, inúmeras vezes, participaram de encontros de militância e de campanha política, ainda crianças..

Lélia se tornou Gonzalez quando eu estava no Colégio de Aplicação e permaneceu Gonzalez para sempre, apesar de ter tido alguns namorados ao longo do tempo. Luiz Carlos Gonzalez foi ao Orum quando tinham uns 2 anos de casados, mais ou menos.

Na efervescência dos anos 1970 eu cuidava dos filhos. Januário e Lélia militavam, compadres, cúmplices. Nessa hora encontro uma Lélia muito mais negra: assumida, com cabelo black e muito mais radical. Toda aquela gana de seriedade e exigência se exacerbou! Ela incomodava a todos, por uma consciência negra. Brancos e negros. Quanto a mim, branca com filhos negros... não tinha trégua. Quem conheceu Lélia pessoalmente sabe que ela não dava trégua: tinha pressa e, nessa pressa, lia tudo para se fundamentar.

Já havia lido os grandes filósofos críticos, Marx, Sartre, Althusser e outros. Conhecia todo Hegel para saber que ele era um “cretino: dizer que a África não tem história!” Havia lido a sociologia, Max Weber e outros. Mas quando Lélia lia, lia tudo; comprava tudo e lia tudo; não parava enquanto não terminasse: noite adentro, dia afora.

Agora, na luta pela consciência racial, lia os africanos, todos: em inglês, em francês, em espanhol. Ela havia aprendido tudo sozinha. Nunca frequentou escola de idioma. Aprendeu espanhol cantando tango. E fazia isso muito bem. Aprendeu francês no tempo da faculdade procurando ler os autores — e falava francês como uma autêntica francófona. Logo no início traduziu três livros para a editora Freitas Bastos. Depois parou de traduzir, não tinha mais paciência. E dava aula, muitas aulas. E estudou psicanálise: todo Freud, todo Lacan, todo Foucault! E era com toda essa bagagem teórica que palestrava e não dava trégua, apesar da simpatia contagiante.

Lélia gostava de ler e falar. Escreveu pouco para o tanto que deixou! A gente conversava sobre isso... Nessa hora, ela já tinha consciência de que sabia muito e articulava magnificamente: o social, o psicológico, o ideológico, a luta de classe, a opressão do povo negro, sobre a acomodação e sobre mulher (havia lido toda Simone de Beauvoir)! Tinha horror à acomodação e à ignorância e reafirmava a necessidade do estudo para que a consciência não fosse “oba-oba”, para que o “movimento negro” não fosse “movimentação”!

Percebo que as linhas que me foram indicadas pelo Eparrei terminaram! Mas não terminam nossas lembranças. Não acaba nossa experiência, apesar de

um dia, depois de um jogo da copa do mundo, Lélia ter dormido para não acordar no dia seguinte. Coração alado criou asas e se foi, de infarto. Depois de tanta vigília, o coração estava cansado. E ela sabia disso. Foi num tempo bom, para ela: estava inteira, de bem consigo e com o que havia alcançado... e no meio da copa do mundo, pois gostava muito de futebol, por causa do irmão Jaime que havia sido jogador e depois técnico na América Latina, quando ela era criança.

O mais... tinha fé em Oxum e Ogum —seus Orixás de cabeça —, que retomou como praticante, afirmando que pertencia à egrégora do Ilê da Oxum Apará, em Itaguaí (onde está seu acervo).